

Resumo

O presente texto é um relato de uma experiência pedagógica desenvolvida junto a uma turma de alunos da oitava série do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal. O registro desta experiência mostra como explorei a reprodução da obra de Albrecht Dürer "A Avareza", um óleo sobre tela pintado em 1507. Utilizei como apoio teórico o entrelaçamento da Pedagogia Crítica da Arte e Cultura Visual que fundamenta o Instrumento de Mediação e Análise Crítica desenvolvido pela Prof^a. Dr^a. Teresinha Sueli Franz. Este Instrumento de Mediação é fruto de sua tese de Doutorado sob a orientação do teórico espanhol Prof. Dr. Fernando Hernández e que resultou na publicação do livro "Educação para uma compreensão crítica da arte".

Palavras-chave: arte; educação; "A Avareza".

Abstract

The present text is the report of a pedagogical experience developed in an 8th grade classroom in a public school. The record of this experience shows how I explored the reproduction of Albrecht Dürer's work, "The Avarice", oil on canvas painted in 1507. I used as a theoretical method the intertwining of the Critical Pedagogy of Visual Art and Culture which is the base of the Mediation and Critical Analysis Instrument created by Professor Teresinha Sueli Franz, PhD. This instrument was developed in her PhD thesis, whose advisor was the Spanish Professor Fernando Hernández, PhD. This thesis was published as a book named "Educação para uma compreensão crítica da arte".

Key-words: art; education; "The Avarice".

"A Avareza" do pintor renascentista Albrecht Dürer, apesar de ser uma obra do início do século XVI, mais exatamente 1507, poderia muito bem ser produto artístico contemporâneo devido ao tema da obra, relevante para uma análise crítica. A mesquinha da alma humana que serviu de inspiração para o mestre Dürer sempre esteve presente e ainda habita muitos seres humanos. Quanto de avareza existe em cada um de nós hoje, na desigualdade social, no preconceito e na violência. E essa talvez seja uma possível explicação para a repulsa que esta reprodução causa às pessoas, pois revela o quanto somos capazes de compreender uma obra de arte, independente de nossa educação estética. A maioria das pessoas pode não entender a obra como bela, mas esboça alguma reação, seja ela positiva ou negativa, pois a obra exige alguma reação por parte do espectador. "A Avareza" não passa indiferente pelos olhos de quem a contempla.

¹ Pesquisa iniciada em 2007, na linha de Ensino da Arte, no Mestrado em Artes Visuais da UDESC/SC, propõe o estudo do currículo das Artes Visuais – licenciatura das IES Comunitárias de Santa Catarina.

² Mestranda do Curso de Artes Visuais da UDESC, professora da rede municipal de ensino da cidade de Blumenau/SC.

Meu comprometimento com o ensino da arte encontra suporte na proposta de mediação desenvolvida pela professora Teresinha Sueli Franz em seu livro "Educação para uma Compreensão Crítica da Arte", e entre as tantas considerações trazidas por esta pesquisadora, destaco o cultivo do *olho curioso*, pois *educar o olho curioso implica uma certa inquietude, uma noção das coisas fora do reino do conhecido...* (ROGOFF *apud* FRANZ, 2003, p. 14). A proposta da familiarização com os sujeitos envolvidos tem início com os âmbitos de compreensão apontados por Franz em seu Instrumento de Mediação: âmbito biográfico, âmbito estético/artístico, âmbito histórico/antropológico, âmbito pedagógico e âmbito crítico/social, que viabilizam a interdisciplinaridade para um estudo mais amplo e significativo. No decorrer desta experiência aponto também os níveis de compreensão dos alunos envolvidos, presentes no Instrumento de Mediação. São eles: Nível 1 – Compreensão Ingênua; Nível 2 – Compreensão de Principiante; Nível 3 – Compreensão de Aprendiz e Nível 4 – Compreensão de Especialista.

Início a aula com uma investigação sobre a imagem escolhida. A pesquisa é fundamental se pretendemos que nossos alunos compreendam a arte com profundidade; é necessária uma base de conhecimentos rica em dados e informações. Do mesmo modo, também é imprescindível estabelecer inúmeras relações e conexões entre a obra, a vida do artista e seu contexto cultural e histórico. *Para tornar isso possível, é preciso conhecer a cultura artística da qual surge a obra em questão e conhecer também as inspirações e as idéias políticas e sociais que a geraram* (FRANZ, 2003, p. 44).

Esse olhar global e crítico é também construído no sentido de proporcionar possibilidades de interpretações e análise crítica por alunos e professores partindo de uma obra de arte. O desafio se apresenta a cada um dos envolvidos.

Conheci as reproduções de algumas obras do artista Albrecht Dürer já na faculdade, em uma disciplina denominada "História da Arte". A professora mostrava alguns slides do período chamado Renascimento e, entre muitos artistas daquele período, Dürer me emocionou. Era para mim maravilhoso ver a perfeição de suas pinceladas, de suas aquarelas e xilogravuras. Em um dia na biblioteca, folheava alguns livros de história da arte e me deparei com uma reprodução que me tirou o fôlego: era o retrato de uma velha senhora, com um dos seios desnudo e um rosto incrível. Corri os olhos pela legenda e confesso que não me espantei ao constatar que era uma reprodução de mais uma obra deste artista espetacular. Fiquei alguns

minutos olhando, extasiada. Intitula-se "Avereza", e logo senti que ela falava de valores humanos, que exigia uma reflexão de meus valores e preconceitos. Senti uma necessidade grande de mostrá-la para as pessoas e sentir as reações, e pela primeira vez me espantei com o resultado: todos consideravam a obra horrível, deprimente, feia! Os meus colegas da faculdade até reconheciam o valor estético da obra, mas ela não agradava. E eu pensava: como poderei mostrar para as pessoas a importância desta obra, como reflexão pessoal e de mudança de valores, esses valores que muitas vezes discriminam as pessoas e nos tornam tão medíocres? Uma proposta pedagógica parecia mostrar o caminho...

Minha formação na graduação trouxe como metodologia de ensino a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que vou resumir como leitura, fruição e contextualização da obra de arte. Por alguns anos levei para meus alunos reproduções de algumas obras e tentei construir com eles uma compreensão da obra e sua importância para o cotidiano deles, mas confesso que não tive sucesso. Lembro de uma aula em que trouxe o artista Jean Michel Basquiat, falei de sua vida, mostrei o filme e depois partimos para o fazer, que era aplicar o Grafiti, uma arte "conhecida" dos alunos. Essa proposta de trabalho durou duas semanas e, passado algum tempo, eles nem sequer lembravam quem era o artista Jean Michel Basquiat, chamado por eles de "carinha" que pintava os muros. Pensei: tem algo de errado com minhas aulas..., iniciei no Nível de Compreensão Ingênuo e assim permaneceram meus alunos. *Não conseguimos relacionar o que aprendemos na escola com a vida cotidiana, assim como não exploramos o potencial próprio, no sentido de ir além do que nos é ensinado e do que vemos, por exemplo, nas imagens* (FRANZ, 2003, p. 283).

Certo dia, navegando na Internet e procurando relatos de experiências pedagógicas, uma professora escrevia com entusiasmo sobre suas aulas, de como seus alunos são pesquisadores e de como eles constroem juntos as aulas. Fiquei admirada com a flexibilidade com que suas aulas aconteciam, ela falava da cultura visual dos alunos e da importância de se conhecer este universo. Foi aí que ouvi pela primeira vez falar de Fernando Hernandez e sua proposta de uma educação pela arte. Junto com Hernandez, a tese de doutorado da professora Teresinha Sueli Franz, transformada em livro intitulado "Educação para uma Compreensão Crítica da Arte". Um possível caminho me convidava a tentar ser ponte ou mediadora de um ensino da arte comprometido com a educação integral do educando. Arregacei as mangas e parti para esta proposta, nova também para mim como professora.

Resolvi mostrar minha obra preferida para toda a escola em que trabalhava. Estampe em uma camiseta branca a obra de Albrecht Dürer, "A Avareza", e comecei na segunda-feira pronta para provocar a curiosidade das pessoas. Algumas pessoas notaram, entre alunos e professores, outros não. Na terça-feira repeti a camiseta, e assim aconteceu durante toda a semana. Na sexta-feira o número de curiosos sobre a imagem da camiseta já era bem grande. Para as perguntas, resumi como resposta que era uma reprodução de uma obra de arte de um artista renascentista alemão chamado Dürer. Ninguém falou que já tinha visto a obra ou ouvido falar deste artista, ou do período chamado Renascimento..., pensei comigo: vai ser um grande desafio!

Escolhi a turma da oitava série por considerá-los mais necessitados, pois logo estariam estudando em outra escola (esta não oferecia o ensino médio) e talvez não tivessem a chance desta experiência. A escola localiza-se em uma zona considerada rural da cidade, a grande maioria tem pais que ainda trabalham com plantações e animais de criação. O nível social é considerado baixo e o cultural também, fora dos padrões sociais. Uma pequena minoria tem acesso à Internet, e a região não tem tv a cabo. Logo vi que minha dificuldade inicial seria a de reconhecimento e familiaridade com a reprodução da obra de arte a ser investigada. Quando entrei na sala, ainda vestida com a camiseta, ouvi de um aluno se era uniforme e respondi que sim, estava uniformizada para uma pesquisa que eles iriam participar. Distribuí reproduções da obra escolhida e pedi que eles olhassem atentamente. Passado algum tempo, pedi que cada aluno registrasse por escrito o que ele pensava da figura ali representada e fiz algumas perguntas como: você já tinha visto esta reprodução? O que você sente olhando pra ela? Defina a imagem em uma palavra, fale sobre sua impressão da imagem. Bateu o sinal e tive que mudar de turma...

No próximo encontro, ainda de "uniforme", pedi que fizessem uma roda e que cada um lesse suas anotações sobre a reprodução que tínhamos visto na aula anterior, distribuí novamente a imagem. O termo feio apareceu repetidamente e a questão da sexualidade veio à tona, por ter na imagem a figura feminina com um dos seios exposto. Convidei os alunos a fazerem uma investigação sobre o período e o contexto em que foi pintada esta obra para que compreendêssemos a sua importância, também para cada um de nós. Era o começo, ou segundo a proposta de Franz, o Nível Ingênuo

Neste nível, o conhecimento não é questionado, porque se aceita que assim é o mundo ou, no nosso caso, assim é uma

pintura. Os alunos vêem o mundo como imediatamente captável e pensam que nenhum conhecimento específico é necessário para comprovar suas afirmações sobre ele. As interpretações sobre a pintura, neste nível, limitam-se ao ensaio e ao erro porque os intérpretes não buscam critérios de convalidação de suas idéias (FRANZ, 2003, p. 283).

Dirigimo-nos para o laboratório de informática em busca de informações. Depois de algum tempo pesquisando estávamos teoricamente armados para estudar a obra, tínhamos textos sobre o Renascimento, aspectos sociais e políticos, e alguma coisa sobre a vida e a obra de Dürer. O título da obra trouxe discussões sobre o que era ser avarento e alguns alunos falaram que não combinava com a obra, ou “nada a ver, professora”. Constatei que os alunos na pesquisa estavam no nível de compreensão em que *começam a reconhecer que os métodos de busca de conhecimento são úteis para obter conhecimento, mas aplicam-nos mecanicamente* (FRANZ, 2003, p. 285). Em grupo, discutimos aspectos referentes à pesquisa, tentando trazer algumas questões para que houvesse a compreensão da obra naquele período, e posteriormente trazê-la com suas questões, para o mundo atual e real.

Partimos para a discussão referente à obra de Dürer e sua importância como gravador; as reproduções de suas xilogravuras foram observadas e destacou-se a importância desta forma de arte, que proporcionou a reprodução e o acesso de um número maior de pessoas às obras. Partimos novamente para a Internet na busca de informações sobre a imprensa, Gutenberg e outros tipos de gravura como a litogravura e a gravura em metal. Resolvemos experimentar a gravura e utilizamos bandeja de isopor, lápis e guache em uma gravura escolar, onde cada aluno tirou algumas cópias de seu trabalho. Eles gostaram da atividade. Gostaria de poder levá-los à universidade para que conhecessem o laboratório de gravura, mas não foi possível por questões financeiras. Essa parte do trabalho durou dois meses de aula.

Retomamos o estudo da reprodução da obra “A Avareza” e ouvi algumas reclamações: de novo professora? Nós já vimos essa imagem! Retomei as anotações iniciais feitas pelos alunos na primeira aula e questionei a questão do feio e do bonito. Pedi que eles descrevessem, sem citar nome, características físicas de uma pessoa que eles consideravam feia e outra que eles consideravam bonita. Em seguida pedi que eles retomassem as mesmas pessoas e analisassem as atitudes destas pessoas frente a eles e como ela agia no cotidiano. Houve um momento de socialização, cada um leu sua interpretação, alguns riram muito pelo

uso de alguns termos como narigudo, orelhudo, etc. Desafiei os alunos com esta pergunta: o que é uma pessoa bonita para você? Seu(a) melhor amigo(a) é bonito(a)? Descreva as características físicas e pessoais de seu amigo. Em seguida perguntei: e você é bonito? Descreva suas qualidades e defeitos. Estávamos avançando para o nível de Compreensão de Aprendiz: *Neste nível e com apoio os alunos começam a relacionar o que aprendem na escola com sua vida cotidiana, para resolver problemas práticos, encontrar explicações, interpretar a si mesmos e ao demais* (FRANZ, 2003, p. 286). Aqui, a questão da aparência foi discutida e, em grupo, cada um escolheu um artista ou ator que achava muito bonito e fomos buscar informações sobre ele, na tentativa de ver a beleza interior. A pergunta era: quem você admira? O que você sabe sobre a vida dele(a)?

Um aspecto da reprodução da obra bastante comentado era o seio flácido e enrugado da velha senhora retratada. Eu já esperava que este aspecto fosse chamar a atenção, visto que os alunos estão na adolescência e a questão do corpo é sempre motivo de curiosidade. Provoquei perguntando se eram feios ou bonitos aqueles seios, e a resposta foi: horrível! Levantei questões sobre a infância de cada um, tentando mostrar as fases da vida. Depois perguntei da mãe e dos avós, e pedi que trouxessem fotos antigas de diferentes idades de seus familiares. Como todos são muito jovens, era necessário que eles visualisassem as fases da vida de parentes mais velhos. Uma das alunas disse que não conseguia se imaginar velha, era como se não fosse acontecer com ela. Partimos para a reflexão: você gosta de seu corpo, sabe que ele está passando por mudanças e vai continuar assim até a morte? O que você mudaria em seu corpo? As respostas foram todas muito ligadas à sexualidade e, na grande maioria das meninas, a resposta foi de que eram gordas! Voltamos à Internet, buscamos o conceito do corpo na modernidade, fazendo um comparativo com o contemporâneo. A vida das modelos veio à tona e as dificuldades em se manterem dentro de padrões estabelecidos pela indústria da beleza. Mas ficou claro o deslumbramento das meninas, em sua maioria, por este universo de fantasia. Juntou-se ao debate um projeto que acontece de forma permanente na escola denominado "Saber Saúde", e que trouxe algumas considerações sobre alimentação saudável. O grande problema foi diagnosticado na alimentação que os alunos têm em casa, mostrado no lanche que eles trazem como bolacha recheada e salgadinhos.

Em um segundo momento, iniciamos uma discussão referente à vida do idoso, e questões como respeito, compreensão e carinho para com a pessoa mais velha geraram discussões. Alguns tinham avós e avós morando junto e relataram as

dificuldades em conviver, e o que mais ouvi era "não tenho paciência". Senti bastante dificuldade nesta etapa, e entendi que é preciso uma mediação bem estruturada *com apoio conseguimos entender a relação entre os significados da obra e a vida cotidiana* (FRANZ, 2003, p. 287). Durante esta abordagem, algumas questões foram pesquisadas, como leis que garantem o bem estar do idoso, e o desafio era anotar o que falta para facilitar a vida destas pessoas. Cartazes foram espalhados pela escola, que lembravam os bancos preferenciais dos ônibus, a preferência nas filas, e a necessidade de afeto que os mais velhos sentem. Perto da escola há uma casa de repouso e resolvemos agendar uma visita. Foi uma experiência um tanto desgastante a situação daqueles idosos, em sua grande maioria abandonados; foi muito triste. Os alunos falaram que não iriam querer voltar lá. A grande maioria concluiu que a falta de dinheiro era a maior dificuldade, pois era um obstáculo para o médico. Outro ponto que foi ressaltado foi a falta de diversão para a maioria dos idosos. Os alunos concluíram que os idosos não têm o que fazer, não consegue mais trabalhar e não têm como se divertir! Bom lembrar que o bairro em que fica a comunidade é distante do centro e os horários de ônibus bastante escassos. Como a maioria é de classe média baixa, as dificuldades são compreensíveis.

Na reprodução da obra "A Avareza" a senhora retratada traz entre as mãos um pote de moedas de ouro. Iniciamos uma discussão sobre o dinheiro, pesquisamos sua origem, o poder e os benefícios que o dinheiro pode proporcionar e as dificuldades em se ter dinheiro, a questão do trabalho, da formação profissional. O desejo em ser rico era unânime, exatamente todos consideraram que ter dinheiro era muito bom. Uma aluna comentou com os pais sobre a imagem que estava estudando e a mãe lembrou um personagem de uma novela global em que o homem era feio e muito rico, porém vivia de forma miserável e obrigava as pessoas que conviviam com ele a passar pelas mesmas dificuldades. Para os alunos foi pouco significativo, pois não haviam visto a novela. Lembrei do personagem, foi feito pelo ator Ari Fontoura e se chamava "Nonô Correia", que ficou famoso e até virou jargão, utilizado em quem gostava de poupar seu dinheiro. Levantei uma questão: dinheiro é sinônimo de beleza? Concluíram que sim, no que se refere à aparência. Mas lembraram de pessoas bonitas que não tinham dinheiro. Nesta etapa do processo, pedi que os alunos xerocassem, em tamanho A4, uma foto de rosto de cada um para uma atividade prática, onde trabalhamos o desenho. Estudamos os elementos visuais presentes na foto, como linhas, luz e sombra. Através de um vidro, cada um reproduziu a sua foto. Mostraram dificuldades em realizar o trabalho. Pesquisamos na Internet o auto-retrato de alguns artistas, entre

eles, Albrecht Dürer. As meninas se encantaram com o auto-retrato de Albrecht Dürer: como ele era lindo! Utilizaram a pintura no retrato e expusemos no pátio da escola, com um pequeno texto sobre o auto-retrato na arte. Os alunos tiveram suas fotos adulteradas pelos outros alunos e foi a maior confusão. Eles ficaram indignados, ofendidos por terem seus trabalhos violados. Discutimos o respeito ao trabalho do artista, que às vezes sofre com esse tipo de violência do público em museus e espaços públicos.

Nesta altura do estudo, o ano já estava no fim e a oitava série se preparava para a sua formatura. Posso dizer que foi uma experiência interessante e gratificante, porém inacabada..., talvez assim deva ser. Meus alunos não atingiram o Nível de Compreensão de Especialista e senti em alguns momentos que perdia o fio da meada. Faltou-me uma experiência maior para a mediação completa. As dificuldades materiais são muito grandes, cada agendamento na Internet era gasto no mínimo duas aulas. Sei que parece pouco, mas cada turma tem apenas este número de aulas na semana. Este espaço de tempo entre as aulas também é ruim, pois resulta em fragmento e exige que o *feedback* seja um pouco mais extenso para o resgate do assunto anterior. Penso que para um estudo e uma mediação mais eficazes, necessitaria de um ano para que fosse mais significativo. Confesso que fiquei muito feliz em vários momentos do estudo, convivi com um aluno mais participativo, levantando algumas questões que estão presentes em seu cotidiano. Outra satisfação foi saber que agora um número maior de pessoas já conhecia minha amada obra, de meu artista incrível. Continuaram dizendo que a obra era horrível, mas alguns alunos já se referiam a ela como "uma viajante que traz notícias do passado, que podem interessar no presente". Adorei! Estou mais do que consciente de alguns pontos importantes embutidos na obra que passaram despercebidos neste projeto, como, por exemplo, a questão da religião, que permeou a vida do artista.

Vejo que algumas mudanças são necessárias ainda em minha prática para que a "Educação para uma compreensão crítica da arte" aconteça de forma plena. Esta foi a primeira experiência, ou o começo de um longo caminho que se mostra bastante significativo. Vou começar meu próximo estudo investigativo deixando que os alunos escolham a reprodução da obra a ser investigada, estou ansiosa para esta nova descoberta! Sei que temos muito a aprender.



Figura.01

Albrecht Dürer
A Avariza (1507)

A beleza sempre esteve ligada ao prazer proporcionado através dos olhos! Esta primeira impressão do belo tem seus registros com os mitos gregos e seu ideal de beleza. A busca pela perfeição está esculpida em suas esculturas. No período do Renascimento, *as obras devem ser boas para olhar e por isso elegantes, amáveis, sensuais, mas não verossímeis* (CAPELLO In: BRASIL, 1998, p. 53). Na pintura, as telas seguiam padrões já estabelecidos, com temas ligados à religião, à beleza, harmonia, movimento do corpo humano. Retratavam também os burgueses, suas famílias e seus objetos de luxo. Apesar de viver neste período e dominar tecnicamente com perfeição o ofício de pintor e gravador, Albrecht Dürer também é

um pensador, e mostra em muitos de seus trabalhos, e especialmente neste, uma preocupação com o lado espiritual do homem. Pintada em 1507, em óleo sobre madeira, medindo 35x29, "A Avareza", de Albrecht Dürer, não deixa dúvidas quanto à sensibilidade do artista que *não só se preocupa em reproduzir com fidelidade os traços fisionômicos de suas figuras como também persevera no estudo das proporções do corpo* ("Mestres da Pintura", 1978 p. 16). Nesta obra, o sofrimento da figura retratada apresenta-se de forma quase palpável. A pele extremamente fina e enrugada traz em sua textura as marcas do tempo. Uma mulher do povo é como poderia ser definido a modelo retratada por Dürer. Pele alva, mas que no momento captado pelo artista apresenta o tom marrom provocado pela exposição ao sol, cabelos finos, fios irregulares. E Dürer vai além, detalhista ao extremo, percorre minuciosamente a figura e deixa perceber sob a pele, finas veias que mantêm o corpo alimentado pelo sangue. O seio direito desnudo demonstra um pouco mais da fragilidade humana. Uma manta grossa, em cor forte, cobre parcialmente o corpo da velha senhora e se pode notar através das pinceladas, o desgaste do tecido. Mas o que mais chama atenção na figura são os olhos que trazem um misto de felicidade e dor, em uma fusão desconcertante que deixa qualquer espectador inquieto. Ao fixar os próprios olhos nos olhos da figura, ocorre uma reação imediata! Eles falam!

Dürer coloca nas mãos enrugadas com longos dedos uma considerável quantidade de moedas contidas em um suporte, que instigam o espectador da obra a ir além dos elementos percebidos pelo primeiro olhar; provocam uma reflexão, moral e espiritual. Ao unir o pote de moedas à miserável figura, o artista abre um leque de possibilidades na leitura da obra. Ele ousa, questiona, desafiando o observador. Ricamente construída com elementos simbólicos, a obra exige maior dedicação por parte do público observador para que possa ser compreendida em sua totalidade. Riqueza e pobreza no mesmo ambiente, unidas através das pinceladas do artista e, ao mesmo tempo, tendo suas diferenças evidenciadas.

Contextualizar o momento em que a obra foi pintada se torna necessário para total fruição da obra. Albrecht Dürer é considerado por seus estudiosos um místico, *possuía curiosidade, quase impossível de ser satisfeita, a respeito de todas as aparências, de tudo o que é deste mundo, perceptível por meio dos sentidos* ("Mestres da Pintura", 1978, p. 6). Este mestre incomparável vive e produz no final do século XV, época do Renascimento Alemão, ou Setentrional como classificam os historiadores. Nesta época o homem ganha importância e também seus valores,

inclusive os ligados a tudo que é útil e cotidiano, além da valorização da beleza do corpo; mas não é só isso, pois a *descrição da imagem abrange corpo, espírito e ambiente* (CAPELLO In: BRASIL, 1998, p. 53). Neste período, também é importante citar, acontecia a ascensão da burguesia comercial que incentivou ainda mais, na pintura, a escolha de temas do cotidiano. Neste contexto, a figura retratada por Dürer provavelmente era uma figura comum, do povo e o artista busca criticar a pobreza do corpo e da alma.

Referências

MESTRES DA PINTURA. **Albrecht Dürer**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 30 p.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003. 318 p.

BRASIL, Secretaria de Educação à Distância. **Educação do olhar: salto para o futuro**. Brasília, D.F.: MEC, 1998. 2v. (Estudos. Educação à Distância, v.4).